Numero 225 Domingo 6 de Junho de 1886 5.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
RAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS;
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

NÃO HA PARTIDO SEM PROGRAMMA

Vão-se aggravar as difficuldades governativas. O ministerio começa já, nos seus jornaes, a tentar persuadir-nos de que as festas do casamento real foram o manná celeste que cahiu n'este paiz. Não se gastaram dois mil contos, como dizem as folhas republicanas! Não se gastaram 450, como diz o correspondente do *Times!* Antes a divida *fluctuante diminuiu do mez de maio, em vez de augmentar; o total das verbas do orçamento rectificado não será excedido, como aliaz succedeu nos annos anteriores, em que não houve festas e os nossos fundos em Londres subiram a 49 3/4!*

E' ridicula, esta mania do governo em pretender convencer-nos de que o periodo das festas foi um periodo de prosperidade nacional. Tão mal alinhavada que faz rir os mais lorpas. Ainda que fosse verdadeira a tal prosperidade, nada adeantava nem provava, porque todos sabem que não era exactamente no mez das festas que se faria sentir o desfalque do thesouro.

A questão é outra. O gabinete está desprestigiado, está perdido, está morto. Os festejos do enlace principesco tiraram-lhe toda a auctoridade moral para governar. Nem os seus correligionarios teem força para o defender e apoiar, como elle proprio reconhece. Lá o diziam as *Novidades* ha dias:— «Alguns amigos, mais timidos e impressionaveis do que convem a legionarios esforçados, mostram-se receiosos de que effectivamente se tenham excedido os rasoaveis limites, a um tempo impostos pela necessidade de receber condignamente os nossos hospedes e de attender ás circumstancias do thesouro.» Por outro lado o ministerio reconhece a necessidade de recorrer ou ao imposto ou ao credito para satisfazer as exigencias economicas. N'estas condições, qual é o seu interesse? Convencer o povo de que as festas não nos custaram sacrificio nenhum. Convencendo-o, readquire o prestigio para governar e para o tributar por conseguinte. Logo n'essa convicção que se pretende por modos tão saloios, está a prova mais cabal e manifesta da decadencia e fraqueza do governo! Se o governo não estivesse fraco, se não se visse perdido não procuraria com tanta azafama convencer o paiz d'um disparate manifesto, d'um impossivel saliente.

E' n'este momento, portanto, que se aggravam as difficuldades governativas, que a situação progressista vae luctar com maiores embaraços e estorvos. E por consequencia é n'este momento tambem que a guerra das opposições deve ser mais fera e tenaz.

O que fará o partido republicano? Não sabêmos. O certo é que sendo o unico partido que poderia ter auctoridade para esmagar o que para ahi vive de pé, nada faz ha muito tempo. Ainda agora deixou passar n'uma pusillanimidade deploravel e n'uma incuria lastimavel uma occasião magnifica de achatar a monarchia. Mas, por desgraça, os seus dirigentes alem de tudo são covardes; teem mêdo.

Não faz nada ha muito tempo e é possivel que queira continuar assim. Pois é pena, e tanta culpa teem os chefes como teem os clubs e associações populares. Quem faz os chefes é o povo; quem lhe indica o caminho é a multidão. Desde que a multidão cahe no fetichismo monarchico, desde que não sabe senão adorar homens, a politica é um jogo de especuladôres. Os charlatães expõem os principios como expõem drogas para tirar dentes. Não ha progresso social, não ha regeneração.

A uma lucta tenaz e renhida com o governo progressista, que deveria ter começado ha muito, mas que ainda é tempo de começar agora, seguir-se-hão as eleições. Ousará o partido republicano disputar de novo os suffragios populares, sem dizer ao paiz o que pensa, o que quer, a que aspira, d'onde vem e para onde vae? E' mais do que provavel. N'esse caso nós, que o temos acompanhado sempre com a nossa propaganda e com o nosso voto nos actos eleitoraes, declarâmos desde já, muito a tempo para prevenir accusações e salvar responsabilidades, que permaneceremos n'uma abstenção inteira e completa. Tomem nota, se quizerem. Tomem o conselho dos palermas que nos mandam lançar ás gemonias, se o julgarem conveniente. Mas lembrem-se de que os dissidentes não são dois redactores do *Povo de Aveiro*, nem dois ou tres escriptores isolados. São todos os homens de firmesa e altura intellectual do partido. São muitissimos!

E' antiga a nossa lucta pelo programma do partido, como será persistente o nosso trabalho pela reorganisação dos republicanos portuguezes. Se os clubs, se as associações entendem que o programma é uma necessidade inadiavel, porque não ha programma sem partido como disse na *Revolta* o sr. Magalhães Lima, que o imponham aos chefes quanto antes. Não esperem por elles, não confiem n'elles. Se entendem que é melhor continuar n'este estado indefinivel, creiam uma cousa:— O partido não morre; ha de crescer sempre, como crescem as ideias. Mas ha de continuar impotente tambem para uma propaganda energica e pratica. A monarchia irá vivendo tranquilla da nossa fraqueza e toleima.

O PROCESSO DO SR. MAGALHÃES LIMA

«... Este livro não é outra coisa senão um rapido esboço do movimento republicano em Portugal.»

Attribuiu-se, por conseguinte, o encargo de historiadôr da recente democracia portugueza, encargo a que correspondem sempre graves responsabilidades. Não ha historia sem critica desapaixonada, sem escrupulo na mensão dos factos, sem verdade no conjuncto das apreciações, sem rigor na busca da informação ou do conhecimento. O historiador deixou á porta da rua despeitos e malquerenças. No seu gabinete, ainda mais de que nas sallas da justiça official, não ha amigos, não ha inimigos; nem conhecidos, nem desconhecidos. Nos salões da justiça publica julga-se de ordinario um homem só; no gabinete do historiadôr julga-se uma sociedade, julga-se um povo, julga-se a humanidade inteira.

Pois querem saber o que é esse magistrado austero que combate a monarchia em nome da justiça e da rehabilitação nacional? Ouçam a *sua historia*.

«Foi, por esta occasião, em 1874, que eu conheci o grande, o illustrado tribuno Consiglieri Pedroso. Redigia elle, então, a *Republica*, folha declaradamente republicana. Era um jornal bem escripto e de bôa e sã propaganda.

A proclamação da republica, em Hespanha, exercera uma influencia decisiva no espirito portuguez. De modo que a *Republica* foi, em geral, bem recebida pelo publico e ruidosamente acclamada pela massa trabalhadôra. Consiglieri Pedroso já, por essa epoca, se mostrava o homem de talento, o apostolo infatigavel, o parlamentar distinctissimo, que todos hoje ahi admirâmos. Os seus artigos eram procurados com anciedade e lidos com enthusiasmo. Questões de ordem meramente administrativa, que não veem para aqui apreciar, forçaram a sua suspensão. Mas pode-se dizer afoitamente que foi d'alli, d'aquelles primeiros lineamentos que principiou a irradiar para o paiz uma propaganda activa, energica e ininterrupta, já por meio de bibliothecas, que depois se fundaram, já por meio de conferencias, já por meio de periodicos. Entre outros recorda-nos ainda a publicação dos jornaes o *Rebate*, a *Vanguarda*, a *Bandeira* etc, á frente dos quaes se encontravam homens com a authoridade, a competencia e o saber de Theophilo Braga e Teixeira Bastos, investigadôres e polemistas distinctissimos, como Silva Graça, Alves Correia, Joaquim dos Reis, Antonio Furtado, Eduardo Maia e outros.»

Magistrado austero e incorrupto! Publicista imparcial, severo e verdadeiro! Escriptor generoso e levantado, sem odios, sem despeitos, sem mesquinhez, sem ridicularia, que não esquece os trabalhos nem os meritos do ultimo obreiro da democracia portugueza! Ahi os tendes glorificados a cada passo nas paginas d'esse livro. Ahi tendes uns poucos com a *apotheose da immortalidade* em meia duzia de linhas que transcrevemos. Entretanto, se procurardes, se indagardes, se estudardes, sabereis que o espirito e alma d'essa *Republica*, d'onde *principiou a irradiar para o paiz uma propaganda activa, energica e ininterrupta*, d'esse *Rebate* que creou tão famosos polemistas, não foi nem o *grande* tribuno, nem nenhum dos polemistas citados. Foi um *quidam*, um *typo*, um *fulanorio* a quem o Deus republicano, o *celebre* historiador do *Seculo* nem o nome cita, porque... embirra com elle!

E eis o Justo. Tivesse o fundadôr da *Republica*, do *Rebate* e d'outras publicações republicanas os defeitos que tivesse, pareceria a todos que se não podia occultar o seu nome, quando se citavam esses periodicos e os seus collaboradôres. Houvesse apostatado depois, houvesse fugido, houvesse feito o diabo contra as idêas democraticas. O dever de um escriptor serio era pôr tudo isso de parte ao referir-se á epocha da publicação d'aquelles jornaes, principalmente quando se glorificam os que fizeram alguma cousa, mas os que não fizeram tanto. E depois, se queria, se entendia que o democrata d'então se tinha tornado outro, censurasse-o, fulminasse-o, comparasse conductas. Nem sequer mencionar o nome d'esse homem, porque esse homem diz *mal* do sr. Magalhães Lima, só é proprio d'um *anti-jesuitico*, d'um *tolerante*, d'um *bom homem*. E digam lá se podemos calar estes factos, se sômos nós que nos *vingâmos!*

---

9 **FOLHETIM**

DEPOIS DO SACRIFICIO

O CHRISTIANISMO JULGADO FRIAMENTE

(CONCLUSÃO)

(DESPREZO DO TRABALHO.— O CHRISTIANISMO É UM RECUO.— O CHRISTIANISMO É A RELIGIÃO DA MORTE.— O FIM DO MUNDO.— A IDÈA DA HUMANIDADE ENTRE OS PHILOSOPHOS.— PLATÃO, PAE DA EGREJA.— AGOSTINHO.— A ULTIMA PALAVRA DO CHRISTIANISMO. — QUE SALVOU JESUS?— O DIREITO DIVINO. A GRAÇA. O DUALISMO.— A PESTE NEGRA.)

O desprezo da carne, o odio do corpo, a negação da vida não podiam honrar o trabalho que é um accrescimo de vida, o engrandecimento do homem, um augmento do seu sêr, pois que dá em resultado a posse da maior somma de utilidades.

Os ascetas judeus eram logicos.

«Os essenianos, segundo Philos, nem por sonhos conheciam os mercadores, os logistas, os marinheiros, ou qualquer d'essas profissões de que tanto se abusa na paz para nutrir a usura. O seu amor da virtude consistia em desprezar a riqueza, as honras e os prazeres... E a lei da communidade é que demonstra a sua caridade, a sua benevolencia, a sua maravilhosa egualdade.»

Communidade em quê? Trabalha-se o menos possivel, que trabalhar è roubar o homem á contemplação de Deus. O trabalho é o inimigo. Quanto mais se praticar, melhor.

O ascetismo esseniano exerceu a sua influencia logica sobre o christianismo; o grande caracter da civilisação christã foi o desprezo do trabalho. E não sômos nós os primeiros a affirmal-o. Eis, por exemplo, uma auctoridade que ninguem recusará d'entre os que nos possam accusar de parcialidade. Guizot disse:

«Se eu tivesse de indagar qual foi o mal mais profundo, o vicio mais funesto d'essa antiga sociedade que dominou em França até ao seculo deseseis, diria sem hesitar que foi o desprezo do trabalho.»

Mas, diz-se, esse desprezo não é especial ao christianismo; pesa sobre toda a sociedade antiga.

Sim; é certo que os deuses antigos eram ciosos, como todos os deuses, do trabalho do homem, das suas conquistas sobre a naturesa que consideravam dominio seu. A Pythia respondia aos Cnidianos que intentavam abrir um isthmo: — Não abram o isthmo; Jupiter dar-vos-hia uma ilha para residirdes, se quizesse. Plinio attribue aos mineiros a responsabilidade dos tremores de terra que são vinganças da mãe commum, mutilada nas suas entranhas pela cupidez parricida de seus filhos. Entretanto Apollonio ensinava medicina, Pozeidonio a navegação e Hermes o commercio. A agricultura é um dom da grande deusa Demeter. Hesiodo tinha dito: «A preguiça é aborrecida pelos deuses.» O proprio Socrates resumiu a sua moral n'estas palavras: «Fazer bem» e deu a esta maxima a mais pratica das applicações: «O homem melhor é o que, como lavrador, cumpre melhor os seus deveres de lavoura; é o que, como cirurgião, se desempenha melhor dos seus encargos medicos... etc» Em Athenas o trabalho não era desprezado. Impunha-se a pouco e pouco a idêa da sua importancia, da sua utilidade e da sua grandesa. Os philosophos, ao mesmo tempo que começavam a aborrecer e a maldizer a escravatura, chegavam por uma consequencia natural a comprehender o verdadeiro caracter do trabalho. Dion punha um artifice acima d'um bom palrador. Seneca dizia: se a humanidade escutar a voz do sabio, comprehenderá a desnecessidade dos soldados. Em fim Lucanio perguntava se a lucta do homem com a naturesa, para lhe tirar maior somma d'utilidades, não valia mais do que esta perpetua lucta do homem contra o homem; se não valia mais procurar enriquecer todos que estarem-se a empobrecer reciprocamente, roubando-se uns aos outros.

«Ah! exclamava elle descrevendo as linhas de Cesar, tantos trabalhos perdidos. Se não seria melhor empregar esse grande numero de braços em juntar Sestos a Abydos, ou separar Ephyra do largo reino de Pelopia, ou abrir á navegação o longo golpho de Malea, ou melhorar qualquer outra parte do mundo apezar das resistencias da naturesa!...»

Era muito tarde que esta voz se elevava, e muito isolada! A sociedade romana, que tinha vivido pela força, havia de morrer pela força. Era preciso mais um passo, passo difficil de dar: o reconhecimento da egualdade do trabalhador, a sua liberdade! Mas o cesarismo só conhecia a egualdade da servidão. As vozes dos philosophos perdiam-se no grande estrondo do choque dos povos uns contra os outros. Ainda os não comprehendiam.

Porem, o christianismo rehabilitou o trabalho? Não; aqui como em tudo, foi um recuo, um retrocesso enorme no movimento philosophico. Não deve o christão ser humilde? O salariado é altivo e o ideal do christão é mendigo.

O christão, por ventura, deve-se occupar d'este mundo, d'este corpo, de todas as cousas malditas d'esta terra? Não é a sua verdadeira patria no céo? Para que trabalhar então? O trabalho pode ser desculpavel, como uma das condições fataes da natureza que o espirito nunca pode vencer na lucta que sustenta contra ella. Mas é tudo. No fundo é tão indecente como a união do homem e da mulher. Vae contra os fins do christão.

Revista internacional

INGLATERRA

Continua no Parlamento a discussão do *bill* de Gladstone referente á nova organisação politica da Irlanda. Os antigos companheiros de Gladstone, Chamberlain e marquez de Harttington, á frente dos dissidentes liberaes, presistem n'uma opposição vigorosa ao projecto autonomista do grande reformador e presidente do ministerio, difficultando a votação sim, mas não impedindo, como se espera, que a camara aceite a sympathica medida.

Gladstone tem-se mostrado de uma firmeza de criterio admiravel para evidenciar a justiça da sua medida. Procurou convencer a opposição de que a autonomia da Irlanda era sempre compativel com a unidade nacional, e que portanto cahiam pela base as accusações que lhe dirigiam de ser elle o destruidor da nação e da integridade do territorio britannico. Dirigindo-se ao marquez de Harttington, o opposicionista mais implacavel, reptou-o a explicar a sua hostilidade, visto que se tem pronunciado contra o projecto, sem expor os argumentos que tem para os impugnar.

Esta provocação impressionou vivamente a assembleia, e todos os olhares se fixavam em Harttington. Este levantou-se irado e petulante, e investiu com Gladstone, descompôl-o, dirigiu-se-lhe em termos grosseiros, trocou pelo insulto pessoal a discussão dos principios, produzindo um enorme fiasco, deprimindo-se, sem evitar o golpe que Gladstone lhe havia arremessado.

Assimilando, foi tal qual o sr. Marianno de Carvalho, na camara dos pares quando replicou ao sr. Latino Coelho.

Um segundo desastre esperava o arrogante lord. Para bomba d'effeito e base dos seus argumentos accusou Parnell de haver dito que «não ficaria satisfeito emquanto a sua patria não estivesse completamente separada da Inglaterra.» A esta affirmação acudiu mr. O'Brien para a desmentir encarregado por Parnell, declarando cathegoricamente em nome da minoria irlandeza que «os projectos autonomistas de mr. Gladstone se haviam recebido em todas as partes como um verdadeiro tratado de paz entre a Inglaterra e a Irlanda, e posto que os parnellistas combeteriam alguns detalhes o fariam só porque querem acceitar a reforma com toda a lealdade.» Acalorados applausos foi o epilogo da sessão agitadissima, d'onde sairam tristemente celebrisados os dissidentes liberaes, cujo proceder era commentado com severidade.

Attenta, pois, esta victoria moral, e o reviramento que se está operando no espirito de homens importantes como Charles Dilke, que sendo contrario aos planos de Gladstone, os acha já acceitaveis, o velho liberal verá as suas aspirações coroadas de bom exito. O *Morning Post* diz que a evolução de Charles Dilke é de altissima importancia, e conhecidas as suas opiniões, crê que o *bill* de Gladstone obterá maioria de votos na camara.

Carta de Lisboa

4 de junho.

O maior acontecimento da semana, ou do dia para fallar com maior propriedade, é o grave conflicto que surgiu entre a guarda municipal e o regimento d'artilheria n.º 1. Ante-hontem, e hontem principalmente, esteve uma parte de Lisboa, entre Valle do Pereiro e a Penitenciaria, convertida n'um campo de batalha. Correu sangue, *correram* incidentes picarescos, correram ordenanças e até correu o sr. ministro da guerra que teve de accudir do jardim zoologico onde passeiava com sua esposa á feira tradiccional das Amoreiras, theatro de proezas dos feros militares. Uma *feira*, uma vergonha!

O caso conta-se assim. Conversava um artilheiro com uma rapariga, no largo das Amoreiras. Um policia, que a conhecia e que se diz embirrava com ella, intimou-a a seguil-o, parece que com o intuito de a alistar no exercito degradante das meretrizes. O artilheiro observou pacatamente que não havia motivo para tal procedimento. Então o policia fulo, apopletico, irado, bradou raivoso: — Ai você mette-se no serviço da policia? Pois tambem você está preso—. Garante-se que as coisas se passaram d'esta forma. E eu acredito-o piamente. Estou d'aqui mesmo a ver o cão de fila da policia, bigodes de mavorte, olhos injectados de sangue, cuspindo no pobre soldado toda a sua boçalidade ignorante, toda a sua selvageria de temente a Deus e aos santos. Tenho-os visto fazer serviço muita vez!

O artilheiro não era peco e tinha uma espada, e tinha uma farda. Pareceu-lhe feio deixar-se ir assim sem mais nem menos. Resistiu. O policia apitou. Acudiram dois municipaes. O que seria natural que depois succedesse? Encontraram-se alli tres homens unidos por varios sentimentos de affecto e de solidariedade. A farda tem d'isto. Entre os militares não ha desconhecidos; longe que se encontrem, isolados que se vejam, ha o quer que é que os une, que os prende, que os arrasta uns para os outros. Os militares são amigos; e como amigos os soffrimentos de um são os soffrimentos de todos. Entre os soldados, pelo menos, manifesta-se a cada instante este alto e nobre sentimento de confraternidade. O coração do soldado é grande, na sua simplicidade ignorante, na sua brutalidade de caserna. Se os municipaes, por conseguinte, não tivessem embotado o alto espirito de camaradagem que preside a todos os exercitos do mundo, procurariam salvar o seu collega a todo o transe das garras da policia. Não digo que desembainhassem os sabres para o agente da auctoridade civil. Não era preciso tanto. Bastava que com a força da razão, que assistia ao soldado de artilheria, convencessem o policia de que tinha praticado uma arbitrariedade. Se não o conseguissem salvavam sequer a *honra do convento* e davam uma idêa sympathica dos sentimentos que deveriam possuir. Não senhores! Gritaram: —*esfolla* ao policia que gritara— mata. E levaram *aquillo* por alli aos trambolhões, como fadista da ultima especie, como bandido calabrez, como assassino impenitente! «Cuidado, camaradas, respeitae esta farda, que respeitando-a respeitaes a vossa!» N'estas bellas palavras do soldado preso está a condemnação formal d'esse corpo da pretorianos, que o povo já classificou muito bem de — guarda do compadre Tristão. E' uma sucia de bestas!

Depois a baralha foi enorme. Os soldados d'artilheria correram a rebate dos seus camaradas e tentaram arrancar o preso. Os municipaes acudiram e resistiram. Desembainharam-se sabres e espadas e a estas horas teriamos de lamentar desastres gravissimos se por felicidade não apparecesse o capitão de infanteria Lacueva, que soube conter os animos e manter a ordem. Ainda assim a policia civil e municipal continuou a manifestar os seus instinctos ferinos. A um dos meus mais queridos amigos, que ia passando, despediram sem tir-te nem guar-te uma espadeirada que decididamente o matava se rapidamente lhe não foge com o corpo.

O espadagão feroz foi-se espetar n'uma porta fronteira!

Hontem esperava-se a renovação de scenas violentas. Tinha-se de ante-mão a certeza de que os artilheiros não ficariam assim. Alem d'isso era de temer que outros regimentos se envolvessem na contenda, não só por espirito de camaradagem como pelo odio que todos teem á guarda municipal.

A' tarde, de facto, era invadida a feira das Amoreiras por numerosos magotes de soldados. O primeiro municipal que appareceu foi corrido, á tapona. O segundo, idem. E o terceiro, e o quarto, e todos a seguir. A um cortaram uma orelha! A outro deitaram-lhe um braço abaixo! A todos tropelias sem nome! Valeu-lhes o segundo commantante da guarda, que compareceu no local do conflicto, fazendo recolher a quarteis todas as praças que encontrou. Ao mesmo tempo o sr. coronel de artilheria n.º 1, que tambem alli compareceu, conseguiu, ainda que com custo, que os soldados do seu regimento se fossem retirando. De envolta, o povo dava vivas aos artilheiros, ao seu coronel, á tropa de linha e morras á guarda municipal e commandante. E o sr. ministro do reino corria para o governo civil, e o sr. ministro da guerra para o quartel general da divisão e o sr. general de divisão para o quartel de artilheria! Todos corriam e nenhum se entendia. Um charivari medonho.

Como se vê tudo isto é deploravel. Tanto mais deploravel que não fica aqui. Verão como temos novas bernardas. De mais a mais os soldados dos regimentos de infanteria começam a tomar partido caloroso pelos artilheiros. Ha ordem já para que os officiaes de prevenção de caçadores 2, artilheria e infanteria 16 rondem permanente as Amoreiras. Conseguirão elles, com outras medidas que se tomaram, manter a ordem e o socego? E' possivel, mas ha de sêr custoso. A disciplina é pouca e os animos estão muito exaltados.

Tudo isto é deploravel, tudo isto é triste, tudo isto é attentatorio da disciplina militar. Mas quem tem a culpa? Perguntem-n'o a todos os governos e a el-rei nosso senhor. Se não houvessem convertido a municipal n'um corpo de politica monarchica *à outrance*, prompto sempre a carregar o povo, a fazer de ferrabraz, a esquecer todos os preceitos de delicadeza e bôa educação que lhe competiam como corpo de policia, nada d'isto aconteceria. Mas como a municipal, que é paga pelos habitantes de Lisbôa, passou a sêr regimento ao serviço constante da côrte e do sr. ministro do reino, a sêr ninho de quantos agaloados favoritos, mas analphabetos, boçaes e tolos ha por esse exercito fóra, soffram-lhe as consequencias. Deixem estar, que ainda agora a funcção principia. Lancem os soldados da linha para os braços do povo, unidos todos no mesmo odio contra a municipal, e esperem os acontecimentos na primeira e melhor occasião. Muito se ha de rir quem viver! Emfim, para se avaliar esta gente que nos governa basta só isto:— de tal forma isolaram, embruteceram e *pretorianisaram* a guarda municipal que lhe arrancaram todo o espirito de confraternidade e solidariedade militar. Não são só contra o povo. São contra todos, pelo rei! Uma especie de amazonas de Dahomey, de calças e bigodes!

—E' grande a campanha emprehendida contra os novos fardamentos do exercito. São uma borracheira, uma porcaria! Na proxima carta fallarei sobre essa mascarada, se tiver vagar.

—Um creado do Paço das Necessidades roubou uma folha de papel ao conde de Paris e escreveu uma carta ao sr. Magalhães Lima, anonyma ou com duas iniciaes que é o mesmo, perguntando-lhe quem se responsabilisava pelos insultos dirigidos pelo *Seculo* aos Orléans. E vae d'ahi o sr. Magalhães Lima entesou-se, encrespou os bigodes, correu a mão pelos cabellos e respondeu ao anonymo: — cresça e appareça. Não sabemos se o anonymo recebeu a resposta. Se recebeu, riu-se a bandeiras despregadas e... nem cresceu nem appareceu! E ahi anda o sr. Magalhães Lima a mostrar a carta a toda a gente. Valha-vos Deus. Se mostrassem aquella carta do sr. Emygdio Navarro! Se lhe houvessem gritado que *crescesse e apparecesse!*...

Y.

Carta da Bairrada

Junho, 3.

Ninguem dirá que tivemos primavera este anno. O maio, o decantado mez das flores, o enlevo dos poetas, tão celebrado pela sua amenidade e pelos encantos dos seus dias formosos, foi um mez desabrido, invernoso, funesto para a agricultura e principalmente para a vinhateria da Bairrada que está sendo compromettida gravemente pela prolongação de mau tempo que faz lembrar o inverno com todo o seu cortejo de desalmadas inclemencias. Para longe se affaste este excesso de chuvas, e que venha o sol, o sol de junho avigorar as nossas vinhas, cujo fructo enfesado e amarellecido precisa de calor para se poder crear e desenvolver.

A praga da lagarta das vinhas, conhecida pelo nome de «pyrale» não cessa de fazer grandes estragos nos vinhedos d'esta região, estendendo este anno a sua devastação a pontos até ha pouco incolumes.

E' uma nova calamidade que nos bate á porta, encontrando os viticultores completamente desprevenidos para a lucta. Ha vinhedos cuja perspectiva é desoladora, não se vendo um cacho escasso e achando-se as cepas sem vara de poda!

Os focos phylloxericos vão apparecendo. Em Sepins, do concelho de Cantanhede, e que pertence tambem á circumscripção vinicola da Bairrada, descobriram-se ha pouco algumas nodoas em vinhas novas cuja apparencia era animadora ainda ha dois annos. Por toda a parte a insistencia de temiveis flagellos a comprometterem a vegetação da vinha, por toda a parte um ar doentio a tornar precaria a sorte da nossa primeira industria! E é deante d'esta calamitosa situação, quando o Douro se vê a braços com a miseria, quando a Bairrada se encontra ameaçada de uma invasão phylloxerica, com grandes nodoas em muitos dos seus vinhedos e com a visinhança de Souzellas onde está tudo perdido, é deante d'este quadro que o governo progressista, presidido pelo deputado vitalicio do circulo de Anadia, manda deitar foguetes e pôr luminarias que custam ao paiz centenas de contos!...A esses foguetes e a essas luminarias cremos que correram alguns bons patuscos da Bairrada, mas, ao que nos consta, vieram desapontados das scenas de orgia que presencearam na capital. Pois acreditem que não viram tudo!...

Se a idêa do trabalho tinha sido mal definida na antiguidade, é preciso pelo menos reconhecer n'esta um desejo ardente de aprender, de se instruir, d'augmentar a actividade intellectual do homem. Emquanto que o christão intervem e prohibe todo o estudo, a não ser a vã discussão dos textos e das formulas da santa escriptura. Quanto ás sciencias terrestres, são uma das formulas da voluptuosidade e devem ser banidas como ella. Por toda a parte, sob todos estes aspectos, o christianismo, em lugar de ser um desenvolvimento do homem, é uma mutilação. Em lugar de o animar, mumifica-o; e se o não aniquila e petrifica de todo é graças á revolta perpetua do homem, que, por mais baixo que estivesse, nunca deixou de protestar, d'uma maneira mais ou menos consciente, contra a sua degradação.

O christianismo é uma religião da morte, uma negação da vida. O seu ideal nunca esteve na terra, na ordem das cousas existentes. Está fóra, tanto no millenarismo pleno d'esperança, como na crença terrivel do fim do mundo.

O fim do mundo! Eis a verdadeira fé da edade media. Numerosos actos começam por estas palavras: «Ao approximar-se a noite do mundo...» Justino, Lactancio, Tertulliano, Cypriano, Hilario, Ambrosio, Jeronymo, Gregorio o thaumaturgo, Basilio de Seleucia, João Chrysostomo, Sulpicio Severo não cessam de o annunciar. O papa Gregorio Grande esperava-o de quarto em quarto de hora. Escrevia ao imperador Mauricio (591) que os seculos iam ter um termo: «o céo, a terra, os elementos, serão, sem demora, devorados pelo fogo, e o juiz terrivel apparecerá acompanhado dos anjos, dos archanjos, dos thronos e das dominações, dos principados e das potencias» Que fazer deante de tal cataclysmo? Esperar com resignação, tremendo d'espanto. Houve momentos, na sombria visão do anno mil, em que povos inteiros, vencidos de vertigem, rodomoinhavam desvairados no terror.

Toda esta sociedade christã tem vivido com uma só idêa: a morte! A vida do christão, é a espera da morte! Na vida, não vê e não encontra senão phantasmas e demonios. O christianismo é uma dança macabra.

Como não havia uma preoccupação de tal ordem de acarretar o desprezo de todas as cousas? Assaltos, saques, pilhagens de cidades, crimes de todas as especies, «hecatombes» humanas, que importa? Só ha alli o corpo que soffre: o espirito está em extasis!

Paulo disse:

«A nossa verdadeira habitação é no céo. Aprendei a gostar das cousas de cima e deixae as de baixo. Emquanto habitumos o corpo somos hospedes e estranhos affastados do Senhor.»

E é com esta religião da morte que se falla em reconstituir a nossa vida! Olhae para o seu passado, vêde surgir das trevas profundas da edade media legiões de espectros horrendos, contemplae-os ao sinistro clarão das primeiras palavras do Ecclesiaste: «Vanitas vanitatum et omnia vanitas!» e ousae depois, na vossa consciencia de homem, fallar do christianismo em nome da humanidade!

Que recuo no sentimento de solidariedade humana, affirmado então por todos os philosophos!

«O homem, dizia Plutarcho, não é uma planta terrestre, feita para ficar immovel, com raizes fixas á terra em que nasceu.»

Seneca: «Um homem deve ser sagrado por um homem, porque são membros d'um mesmo corpo.»

Marco-Aurelio: «Eu sou por natureza um ser pensante e sociavel. Tenho um paiz e uma patria. Como Antonino, tenho Roma; como homem tenho o mundo.»

E ha muito tempo já que Terencio havia formulado a vida do verdadeiro homem:—«Sou homem, e nada do que é humano me é estranho.» «Homo sum, nihil humani a me alienum puto».

O christianismo vem e diz: Para mim, só ha de humano a morte!

No momento em que os philosophos se erguem perante os Cesares a exclamar:

Annaeus Cornutus a Nero: — Os teus livros nunca valerão os de Chrysipho!

Elvidius Briscus a Vespasiano: — Tu sabes matar, eu sei morrer!

Demetrius o Cynico a Nero:—Matar-me-heis, mas a natureza vos castigará.

Chega Paulo e diz:—Obedecei a vossos amos e senhores.

Epicteto, esse, affirmava a liberdade humana:

«Quero mandar nos teus pensamentos.

—Quem te deu esse poder? Como podes tu vencer os pensamentos e as vontades dos outros!

—Pelo terror.

—Ignoras que só a propria vontade se pode dominar a si. Se disseres:— «deito-te ferros aos pés», o que fizer caso das pernas exclamará:—Oh, não! Não faças isso, tem piedade de mim! Mas o que só estimar a sua vontade responder-te-ha:—Pois deita, se quizeres.

—Não tens medo?

—Não.

—Eu te mostrarei que sou o senhor.

—Como? Jupiter creou-me livre. Julgas que elle praticasse a falta de permittir que seu filho fosse escravo? E's senhor do meu cadaver; leva-o, se queres.

E o que faz o christianismo em face d'isto? Diz ao homem: Sê humilde, degrada-te; não penses, acredita!

A philosophia dos atheus ensinava esta alta moral individual, a egualdade dos homens; reivindicava para elles a liberdade, estabelecia as noções do direito. Chega o christianismo e com as suas idêas estranhas, as suas praticas occultas, o seu gosto do maravilhoso, as suas superstições animaes, lança a humanidade no ascetismo, no desprezo de si propria, na morte. Ha progresso?

NOTICIARIO

Com o presente numero do *Povo de Aveiro* termina o 1.º semestre do anno corrente. Temos ainda em debito alguns semestres atrazados, que vamos encorporar nos recibos da proxima cobrança, se aquelles não forem antes satisfeitos.

A noticia mais importante d'esta semana foi a tregua que os ratoneiros nos deram até hontem.

Como cada habitação é hoje uma praça de guerra com as respectivas sentinellas, os gatunos esperam que o tempo socegue os espiritos e desmobilise a defensiva, para apepinar a policia official

Chegaram em fim os peregrinos que foram a Lisboa. Veem depennados, e referem *maravilhas* dos hospedeiros d'aquella cidade. Houve quem désse 1$200 réis por uma canja! E fóra o mais que elles não querem contar.

O melhor é que todos são obrigados a *ver o que não viram*, acompanhando de caramunha a narração dos festejos. Se alguma utilidade houve foi a do Zé *ver com os seus proprios olhos* como se gasta o seu dinheiro.

A camara, emquanto tem dinheiro para gastar em obras do seu particular regosijo, não tem vontade de fazer desobstruir a rua do Loureiro, com o que não gastaria cinco réis. Bastava uma simples ordem aos donos do entulho que existe n'aquella rua, convidando-os e removel-o d'alli.

A agua das ultimas chuvas interceptada pelo entulho, transformou a rua n'um rio caudaloso.

A camara pecca ou por desleixo ou por excessiva tolerancia com aquelles affeiçoados, e estes abusam por boçalidade ou descortezia da transigencia d'aquella.

O que é escandaloso é este respeito de mutuos interesses em detrimento dos da collectividade.

Por aqui foram tempestuosas as despedidas do mez de maio findo. Nos ultimos dias choveu abundantemente, trovejando. As terras ficaram cheias d'agua e muitas sementeiras feitas nos campos das cevadas talvez não possam sobreviver á excessiva humidade.

As salinas quasi desappareceram debaixo da agua, inutilisando-se muitos trabalhos effectuados para a proxima colheita.

Pelas ruas e bêcos da cidade vagueia uma cainçada que recommendâmos ao bolo municipal. Se ella se portasse com moderação, tivesse respeito pela sua colleira e pelas canellas dos transeuntes, não lhe fariamos rèclame aos instinctos *pernicidas*.

A camara tem sido muito leviana na fórma por que ordena a extincção dos cães. Devia mandar applicar o bolo a quantos fossem encontrados sem açaimo no tempo proprio, e d'esta fórma se não prevenia que elles se derrancassem, evitaria muitas desgraças que aliás se não evitam pela maneira como esse serviço é regulado actualmente.

Que a camara dê ao assumpto a attenção que elle reclama.

Os adeptos do velho absolutismo que d'aqui foram a Lisboa tomar parte no banquete-protesto effectuado quando a realeza constitucional solemnizava o consorcio do sr. D. Carlos Simão de Bragança, não vieram contentes com o *menu*.

O *caldo* tinha um sabor desagradavel, e os serviços eram demasiado frugaes para o numero de convivas. A salada agradou... a quasi todos. Se não agradou a todos foi porque era pouca.

Tudo isto por 4$500 rs. !, dizia um dos queixosos com grande tristeza.

Elle tambem é muito conhecido aqui. Conhecem-n'o? E' aquelle celebre Henrique da Cunha, cuja collaboração no *Districto* lhe valeu sérios desgostos.

O homem tem a mania da bajulação monarchica, chegando ha tempo a dedicar umas prosas aguadas á sr. D. Maria Pia, não inspiradas por convicções, mas aguilhoadas pelo estomago.

E todo isto veio a proposito do que a seu respeito vimos na *Aurora da Revolução*.

«Ha uns seis annos que o sr. Henrique da Cunha anda por ahi a combater os republicanos e a quebrar lanças pela monarchia e pelo sr. D. Luiz.

Nós, que nunca accreditámos que um monarchico o fosse por convicção, andavamos a ver porque razão o sr. Cunha *gostava* tanto do sr. de Bragança.

Até que emfim soubemos. S. M. costumava pagar-lhe a renda da casa. Mas n'este semestre não o fez, e lá ficou o seu cantor officioso á divina e desesperado por ver que a familia real, embebida nos preparativos do brodio, assim *esquecia* o seu acerrimo defensor.»

Já é infelicidade.

Da Madeira vão para Aifu, Pará, 21 familias com setenta e tantas pessoas, formando uma colonia. O governo da provincia do Pará fornece-lhes casa, instrumentos de lavoura, transportes, etc.

O governo portuguez... se não dorme faz *bichinha gata* ao principe Simão.

O governo concedeu o subsidio de quatro contos ao sr. patriarcha a fim de ir a Roma receber o barrete cardinalicio. Este pedido já tinha sido feito ao governo regenerador, segundo corre.

Continuam, pois, as economias.

Cada vez se nos estão tornando mais repugnantes estes progressistas. Nunca vimos partido mais incoherente nem mais falto de seriedade. Depois dos enormes gastos das ultimas festas, veja-se com que desplante subsidia um homem com quatro contos de reis para ir passeiar!

Isto só o supporta a extraordinaria paciencia d'este povo que cada vez se nos affigura mais falto de estimulos, se é que não está já morto de todo.

Tripudiae, patifes! Transformastes Portugal em caverna de Caco!

A tanto nos arrasta a monarchia.

O imposto do sal cahe ou não? Estâmos a ver que o homem da capa de ladrões se arrependeu da promessa feita quando não era ainda ministro da fazenda.

Já a sua evasiva na camara dos deputados quando o deputado republicano Consiglieri Pedroso o convidou a ser harmonico com as suas declarações anteriores, nos deixou desconfiado.

Fique o Zé sabendo: Ou o imposto é derrogado e n'este caso será creado outro para o substituir, segundo a declaração do ministro, o que equivale a um embuste nojento; ou o imposto fica de pé, e então a granja continua a ser coherente na contradição e na pouca vergonha.

Não ha dilemma mais cruel.

A desenfreada orgia das ultimas festas realengas tambem inspirou aos jornaes estrangeiros phrases severas de verdade que cada vez mais desauctorisam a existencia d'um estado que vive em taes condições.

Fl Globo diz:

«E tal fraccão, cujos orgãos e cujos discursos nos tem dado a conhecer o desiquilibrio entre a lista civil dos reis e os outros encargos da nação; o crescido rendimento dos antigos senhorios annexos á casa ducal de Bragança, tão rica em fóros, verdadeiros cancros desoladores da terra patria, atreve-se agora com incrivel ousadia a auctorisar cem contos de subsidio para o novo matrimonio regio, a esbanjar a enorme quantia de 600:000 pesetas (108:000$000 réis) para presentear com um collar a princeza nubente; e a dissipar á guisa de fumo pelos ares, a somma de 2:000 contos fortes, consumidos nas festas monarchicas d'um povo arruinado pela usura, que vae talando como a praga de gafanhofos os campos, e comido pela lepra do seu *deficit* e das suas enormes dividas, que o enervam e atrofiam».

E como esta apreciação quantas mais correm lá fóra, que são um látego cruel para a monarchia, e para nós não pequena vergonha, porque a consentimos e a tolerâmos.

Tem-se espalhado por todo o paiz prospectos annunciando uma nova especulação ao fanatismo dos imbecis.

Eis o contheudo do tal prospecto:

«*Piedosa Liga abençoada por sua santidade Leão XIII.— Mais suffragios (alem dos designados nos prospectos).*

Os assignantes do periodico— A CARIDADE— que alem do importe da sua assignatura, derem **por uma só vez**— a offerta de 100 réis, teem uma missa diaria **emquanto o mundo durar**, e celebrada em altar privilegiado; a qual, segundo a piedosa intenção do mesmo assignante, poderá ser applicada a qualquer pessoa de sua familia, de seus amigos etc.

Os recibos, passados pelo reverendo Vigario Geral, da Ordem, serão entregues a quem os exigir.

Nota.— A's pessoas pobres, acceita-se-lhes em tres prestações o importe da assignatura do dito periodico, que é paga adiantada.»

Não rimos, porque nos cauza asco tão desavergonhada exploração impulsionada pelo clero. E o pobre Zé burro que ha de ter a arca sem pão é capaz d'um sacrificio para se deixar expoliar por aquelles salteadores d'outra especie. Assaltam-lhe a bolsa promettendo-lhe chimeras. São mais vis e torpes do que os das encruzilhadas. Estes teem o merito de arrostar com o perigo e nem sempre sahem impunes do attaque.

Quem será o espertalhão do vigario geral da Ordem? E que Ordem será esta?

No matadouro de Lisboa eram abatidos em cada um dos dias da festa nupcial 150 bois.

COMMUNICADOS

S. Bernardo, 26 de maio de 1886.

Sr. redactor. — Continua provocando indignação o procedimento do arrematante dos impostos municipaes n'este lugar, que faz a sua fiscalisação acompanhado de seu irmão, sobrinho, seu affeiçoado Antonio Ferreira Felix e officiaes da administração. Isto é, o primeiro, membro da camara e arrematante dos seus impostos (!!!), o segundo, faz de regedor para fazer render os interesses do mano (!!), o terceiro, sobrinho dos thios, servo de escrivão (!). A quarta figura arvora-se em testemunha. Ninguem dirá que todos não compõem um quadro typico de moralidade.

Commettem arbitrariedades e vexames, que só teem para desculpal-os a inconsciencia com que os praticam. Se não feríssem com as suas tolices os interesses legitimos d'outrem, dariamos por muito mal empregado o tempo apontal-os à gargalhada do publico.

No dia 15 do corrente lembraram-se de medir uma pipa ao sr. Polonio pela fórma mais extravagante e ratona que temos visto. Julgando que dita vasilha levava mais vinho do que o manifestado tiveram a peregrina lembrança de conduzir d'Aveiro uma pipa, abriram armazem do sr. Polonio, introduziram lá a pipa, e vasaram para esta medindo-o o vinho que aquella continha, não fallando em outras proezas de mais ou menos originalidade. Estes Santo Thyrsos são sempre os mesmos.

Mas o peior é que d'esta vez foram violentos, nem respeitaram os protestos da victima. Falta-me saber se o sr. administrador do concelho auctorisou aquelle procedimento; mas parece-nos que não.

Os nunca assás cantados e insignes ratões, no meio das suas quixotadas arrotavam...auctoridade e postas de pescada:—«Governâmos mais que o sr. governador civil e ministro do reino! (textual». Oh, que incomparaveis ratões!...

Alem do requerimento que o sr. Polonio apresentou já ao sr. administrador do concelho contra os srs. Santo Thyrsos por aquelles actos, existe em poder da mesma auctoridade outro contra os mesmos delinquentes por incompatibilidade de funcções. Nem o sr. João dos Reis pôde ser arrematante visto que é vereador, nem o sr. Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrso, regedor, por ser irmão do arrematante, nem o sr. Manuel dos Reis Santo Thyrso escrivão por que é sobrinho d'aquelles. E a continuarem estas originaes creaturas na mesma situação, pode-se dizer sem reserva que estamos no reinado dos Santo Thyrsos!

O publico talvez não saiba quem são os sugeitos; mas eu explico-o: São filhos d'um barqueiro; aspiraram a sapateiro e tamanqueiro; actualmente são regedor, taverneiro e estanqueiro, como qualquer collega pode ser sem ir ao Brasil para isso, nem ter tanta prosapia.

Elles não se emendam das tolices que praticam, e nós não deixaremos de as expor ao publico.

Não sabemos por emquanto o andamento que o sr. administrador do concelho dará aos taes requerimentos, o que no futuro diremos. E' possivel que tenhamos de recorrer á auctoridade superior, comose julga.

C. J.

As pessoas que remetterem 3$850 réis com mandado postal á casa de M. Rundbakin, de Vienna, receberão um magnifico serviço de meza de prata alfinide de 42 peças. E' uma magnifica occasião para as donas de casa obterem bons objectos de meza por pouco dinheiro.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Cedofeita, 210, 1.º andar uma

AGENCIA CENTRAL

na qual aprompta papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisação e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressam cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tratam-se negocios em todos os tribunaes; recursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarrega-se de traducções do hespanhol, frances e inglez, cobrança de dividas, foros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima actividade.

A agencia resolveu egualmente encarregar-se de PERGUNTAS e RESPOSAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio ou pessoa no Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da revolução portugueza de 1820. — Recebemos o 1.º fasciculo d'esta notavel edição portugueza, emprehendida pela Livraria portuense.

O que produz a amalgamma das idêas judias com as idêas gregas? Produz o neo-platonismo, que se torna o verdadeiro christianismo d'Agostinho.

A antiguidade era dominada por duas grandes escolas: a de Aristoteles e a de Platão.

Aristoteles fazia um esforço em prol do methodo d'inducção ou de observação, estabelecendo em principio que se devia partir do particular para o geral.

Platão, pelo contrario, «abysmava-se» no methodo «à priori», produzindo grandes entidades immortaes, superiores á humanidade.

Aristoteles procurava a realidade. Platão evitava-a. Era Platão que devia preceder a nova religião!

«Platão revive nos padres da Egreja» disse Cousin. Não é só isso; elle é, mais do que Jesus, o verdadeiro pae do christianismo. Jesus é uma lenda; Platão é uma doutrina.

Piedade para Jesus, o insensato que succumbiu a uma missão de que nem conhecia o caracter; admiração para a dedicação, a coragem, a energia de Paulo; odio a Platão, odio tanto mais ardente que é ainda elle que domina aquelles mesmos que não são christãos; é o seu methodo, a sua perfida dialectica que se nos impõe; é esse methodo que prepara os crentes para todos os absurdos; é elle, são as idêas de vão espiritualismo propagadas por elle que o progresso encontra incessantemente adeante de si e que o demoram ainda mesmo quando o pretendem servir. Platão deve ser mais odiado por nós do que Cesar, porque foi elle que estabeleceu a theoria do cesarismo, não só material mas espiritual. Na sua lingua, rei e Deus são synonimos! Deve ser mais odiado do que Domingos e Torquemada porque foi elle que fez a theoria da inquisição; deve ser mais odiado de que todos os oppressores, todos os especuladores do povo, todos os charlatães religiosos, porque é elle o theorico de todos os utopistas que levam a humanidade ao abysmo, de todos os sophistas que n'elle encontraram argumentos para justificar todas as infamias, e d'elle tiraram o constante e ultrajante desprezo do fraco, desprezo da mulher, desprezo do proletario, terminando no desprezo do homem, que elle pisa com indifferença no seu communismo mystico. E é esse o homem que os nossos professores de philosophia ecletica nos fazem admirar! Comprehendo; ha n'elle o germen de todas as palinodias e argumentos para todas as mentiras.

E' elle, na realidade, o verdadeiro pae do christianismo. O proprio Agostinho o reconheceu por mestre, e Agostinho é por sua vez o mestre, não só da edade media, mas tambem dos tempos modernos! Toda a edade media se passou no estudo dos textos de Agostinho, e depois a Reforma, e depois o seculo desasete e depois a Egreja actual.

Quando Luthero apparece, exclama: «Agostinho está commigo.» Descartes é é um dos seus discipulos. E' com os seus argumentos que Bossuet justifica a escravatura e as dragonnadas de Cevennes. E' com elles ainda que hoje certos homens fallam aos povos em nome do direito divino, dizendo: «Deve-se obedecer ao principe, ainda mesmo que seja injusto, porque se deve sempre respeitar n'elle o poder de Deus que no-lo deu para governar.»

Eis a ultima palavra de Agostinho, a ultima palavra do christianismo: escravatura de todos os graus, escravatura da intelligencia e escravatura do corpo; suppressão da vontade, destruição do individuo, degradação do homem; aniquilamento da humanidade deante de todos os senhores, representantes do Senhor dos senhores:—de Deus.

O christianismo não é senão uma escala de servidão: é tudo o feudalismo.

E agora surge esta pergunta:

—Jesus, então, o que salvou?

Somos obrigados a responder:

—Nada!

Longe de salvar, perdeu: o christianismo foi um recuo da humanidade, por que consagrou no mundo tres negações sociaes:

1.ª O direito divino, isto é a santificação da oppressão e o aniquilamento da individualidade humana no dever da obediencia indiscutivel.

2.ª A graça, o perdão, isto é a suppressão da idêa de justiça; o favor e o acaso em lugar do esforço individual; o bom querer do senhor, de Deus, de Cesar, do rei, do principe, em lugar do direito.

3.ª O dualismo do espirito e do corpo, o odio da carne, da vida, isto é as hypocrisias e as raivas brutaes dos appetites sexuaes com o desprezo da mulher; o desprezo do trabalho, e por consequencia do trabalhador.

Ha desoito seculos que o individuo protesta e se revolta contra estas castrações. Debalde; está encadeiado pela grande utopia celeste e vae no abuso de confiança. O sceptico burguez mantem a mulher e os filhos na escuridão perpectua e manda-lhes dar o viatico:—Se não faz bem, tambem não faz mal!

Oh pobre logrado! Olha para traz de ti, vê essa latrina que se chama a edade media, todos esses clarões de fogueira que brilham sinistramente por entre nevoeiros doentios, todas essas imagens de enforcados que são teus paes! Não sentes pesar no peito essa massa enorme d'oppressão? Não te sentes suffocado pelos miasmas fetidos que enchem a atmosphera de Voltaire e Diderot? E «dizes que não faz mal!» Desgraçado! Sabes de que vem o teu desalento, as tuas vãs agitações, os teus impulsos loucos? Da peste negra que te cariou os ossos. És uma victima da estupidez, um martyr da ignorancia.

IVES GUYOT.

Acompanham o fasciculo quaro bellos retractos que mais exaltam o valor da edição.

A' vista, pois, da caderneta que temos presente, não hesitâmos em recommendar ao publico aquella obra, sob todos os pontos de vista digna de attenção.

Mais d'espaço fallaremos d'este importantissimo trabalho.

No lugar competente vae o annuncio.

*

Republicas.—Sahiu o n.º 72 (8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

*

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 29. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

*

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 25 d'este explendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

*

A Illustração Portugueza.— Recebemos o n.º 45 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

Publicações litterarias

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÉNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 rèis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

BIBLIOTHECA DO CURA DA ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

HENRIQUE PEREZ ESCRICH

Preço de cada volume 500 reis.

Para os srs. assignantes 450 reis.

Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª edição illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR De VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despezas de porte do correio, que serão pagas à custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma explendida gravura executada expressamente na Allemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso— 4 e 6— PORTO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

Preço, 300 rèis; pelo correio, 320.

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez.

Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis fracos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10$000 reis fortes.

O primeiro fasciculo sahirá em abril proximo.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª— EDITORES
RUA DO ALMADA, 123— PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

OS MILHÕES DO CRIMINOSO

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte— O Incendiario.
2.ª parte— O grande industrial
3.ª parte— A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas côres, dos quaes o primeiro è o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis— 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100$000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo è o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

ANNUNCIOS

Novidade!

Refrigerantes gazozos e hygienicos de ananaz, tangerina, romã, salsa parrilha, café, genebra, cognac, rhum etc., vendem-se na loja de José Fernandes Melicio, em Aveiro, assim como genebra Fockink legitima a 550 rs. a botija, cognac de 1.ª qualidade a 1$000 rs. a garrafa, dito de 2.ª a 800 rs., creme a 500 rs. e kermann a 600 rs.

CASA DE CAMPO

VENDE-SE uma em Verdemilho, nova e com bastantes commodidades. Tem quintal com arvores de fructo.

N'esta redacção se diz quem a vende.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

PROPRIEDADE

Vende-se uma na Fonte Nova, onde se acha estabelecida a fabrica de louça. Para informações falle-se com Francisco Paes.

Carro para alugar

JOSÉ ANTUNES CORREIA JUNIOR, de S. Bernardo, tem para alugar um carro de duas rodas.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradave e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 rèis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: è muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde è preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, è um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente adigestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 3$850 réis!!

Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argenterie Alfinide).

Por 3$850 réis apenas

representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

6 formosas facas de mesa
6 garfos
6 colheres de sopa
6 bonitas colheres de chá
1 grande colher de terrina
1 grande colher de legumes
3 formosas oveiras massiças
2 chicaras para sobremesa
1 pimenteiro e assucareiro
1 formoso coador para chá
3 magnificos assucareiros
6 formosos apoios para facas

Serviço de meza, de prata Alfinide por 3$850 réis

42 peças

BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, II Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remettendo adiantadamente 3$850 réis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emplhavo, João C. Gomes. Deposito geral, Iharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO N'ESTA EXPOSIÇAO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,

AVEIRO=75, Rua de Jesé Estevam, 9—7

(Pegado á Caixa Economica